



INTERCÂMBIO

Religião, política e cidadania no espaço escolar: uma análise da juventude de Londrina e região

Religion, politics and citizenship at school environment: an analysis of Londrina's and region youth

Fabio Lanza*

Raissa Regina Brugiato Rodrigues**

José Wilson Assis Neves Júnior***

Resumo: A presente pesquisa realizou uma análise que buscou abordar elementos relacionados à religiosidade enquanto um aspecto relevante para se pensar as juventudes atuais. Por meio da interpretação e cruzamento de dados quantitativos coletados em uma pesquisa exploratória quantitativa, aplicada em colégios estaduais de Londrina e região com estudantes, buscou-se apreender se essas juventudes constituem ou articulam questões e aspectos como a cidadania e política, à sua formação religiosa, e também a presença destes elementos no espaço escolar. Pela inferência dos dados em diálogo com o referencial teórico, apreendeu-se a possibilidade de suas perspectivas articularem elementos religiosos a aspectos relacionados à política e cidadania, bem como a aceitação da presença desses elementos em aspectos que envolvem tanto o âmbito privado e como o público, a exemplo da escola, apreendida como um espaço no qual se desenvolvem debates sobre religião, política e cidadania, e que possibilita o convívio entre diferentes identidades religiosas, podendo potencializar seus diálogos.

Palavras-chave: Religião; Juventude; Escolas Públicas de Londrina e Região; Cidadania; Política; Diversidade Religiosa.

Abstract: The following research performed an analysis that aimed to approach elements related to religiosity as a relevant aspect for thinking about contemporary youth. By the interpretation and crossover of quantitative collected data, from an exploratory survey, applied to Londrina and region public school students, it was sought to apprehend if those youths compose or articulate questions and aspects as citizenship and politic with their religion formation, as well as the presence of those element at the school environment. By data inference in dialogue with the theoretical reference, it was apprehended the possibility of the articulation of religious elements and aspects related to citizenship and politics in the youth perspective, as well as the acceptance of those elements presence in aspects that involve both public and private sphere, as the public school example, comprehended as a space to develop debates about religion, politics, and citizenship, that allows socialization between different religious identities, being able to amplify their dialogues.

Keywords: Religion; Youth; Londrina and Region Public Schools; Citizenship; Politics; Religion Diversity.

* Prof. Associado do Departamento de Ciências Sociais da UEL (Londrina-PR). ORCID: 0000-0003-2807-9075 – contato: lanza1975@gmail.com

** Doutoranda em Sociologia (UEL, Londrina-PR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4048-2556>. contato: RAISSAREGINA.UEL@hotmail.com

*** Doutorando em Ciências Sociais (UNESP, Marília-SP). Bolsista CAPES. ORCID: 0000-0003-0692-0740 – contato: nevesjr1991@gmail.com

Introdução¹

O espaço escolar proporciona o encontro de diferentes elementos e indivíduos em um cotidiano no qual se desenvolvem, ou podem desenvolver-se, variadas relações, as quais incluem, por exemplo, os funcionários, os professores, profissionais encarregados de serviços gerais e os estudantes de várias idades, etnias, crenças, religiões, entre outros aspectos, o que é um indicativo das diversidades e identidades que este ambiente pode comportar.

Para além dos componentes do espaço físico, a escola é um ambiente que possibilita o contato entre os indivíduos que nela convivem e, desta forma, o desenvolvimento, por exemplo, de aproximações, debates, afastamentos, enfim, de relações de diversas ordens entre aqueles que a frequentam, o que pode incluir conflitos, consensos e/ou diálogos relativos a variados temas de relevância local, regional ou nacional.

Pensando nas diversidades que o ambiente escolar comporta (identidades, posicionamentos e ações, entre outros aspectos), bem como as relações que os indivíduos que a frequentam podem desenvolver cotidianamente, buscou-se dialogar, na presente pesquisa, com perspectivas levantadas por Novaes (2004) sobre uma dessas dimensões, um tema da vida social: a religião, que se configura como um dos aspectos, de acordo com a autora, a compor o mosaico da grande diversidade das juventudes brasileiras.

Propõe-se, então, pensar um eixo de análise abordado pela autora, em diálogo com uma pesquisa exploratória quantitativa elaborada e aplicada pelo Laboratório de Estudo das Religiões e Religiosidades (LERR) – vinculado à Universidade Estadual de Londrina – em colégios estaduais da cidade de Londrina e região metropolitana: “se coloca o desafio de compreender ‘quanto’, ‘como’ e ‘quando’ o pertencimento, as crenças e identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens desta geração” (Novaes, 2004, p. 265).

O argumento central do presente trabalho parte dessa formulação de Novaes (2004) em diálogo com os dados empíricos da pesquisa LERR/OBEDUC 2016², o que subsidiou a elaboração de duas questões que nortearam a análise e interpretação apresentadas: as juventudes das escolas públicas da região metropolitana de Londrina elaboram/constituem ou, ainda, articulam questões relacionadas à cidadania com sua formação/orientação religiosa? Qual a relação entre adesão religiosa e as perspectivas políticas dos jovens contemplados pela pesquisa em Londrina e região?

Em trabalho recente, Novaes (2018) aponta para uma tendência de ascensão das perspectivas políticas e culturais progressistas em meio à juventude assumidamente religiosa contemporânea (inclusive, em instituições marcadamente conservadoras)³ – fenômeno

1 Este artigo é resultado do trabalho em equipe do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades da Universidade Estadual de Londrina, PR, e o texto foi elaborado e revisado em coautoria para esta publicação.

2 Foram aplicados 326 questionários em quatro colégios de Londrina e região, com jovens de 14 a 19 anos. As perguntas consistiam em temas diversos, tais como política, laicismo, família, entre outros, e traziam possibilidades de respostas objetivas.

3 Um dos principais exemplos levantados pelas entrevistas realizadas por Novaes (2018) é o da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em que observou o trânsito de membros jovens declaradamente progressistas no âmbito político (com ênfase para as vinculações com o feminismo).

que atribui ao forte papel desempenhado pelas novas tecnologias de informação no processo de formação das visões de mundo da juventude. É possível considerar, para Fernandes (2019), que a juventude é intrinsecamente plural, permeando, assim, uma multiplicidade de visões de mundo em disputa, que caracterizam a complexidade da categoria de análise.

Ambicionando empreender a análise norteada por tais questões, buscou-se trabalhar com a inferência e interpretação dos dados coletados, no sentido de apreender elementos das concepções dos estudantes, e estabelecer diálogos com o referencial teórico instrumentalizado nesse trabalho. É importante salientar, ainda, que a pesquisa LERR/OBEDUC⁴ 2016 teve caráter exploratório e o intuito de realizar um levantamento de dados. Tendo em vista a questão referente às religiões as quais os jovens contemplados pertencem, pode-se realizar um cruzamento desses dados com as perguntas referentes à política e cidadania, e a presença de tais fatores em um espaço específico: o ambiente escolar.

A instrumentalização dos dados da pesquisa LERR/OBEDUC 2016 considera as colocações de Novaes (2004), de que a importância de se trabalhar com números está justamente no sentido de que eles possibilitam o surgimento de novas perguntas e hipóteses, e que as análises das ciências humanas atuam no sentido de, então, proporcionar uma “costura” que busca a inteligibilidade desses números e gráficos.

A investigação analisou as perspectivas evidenciadas a partir das respostas dos grupos religiosos que se mostraram mais numerosos nesse levantamento de dados, que são representados pelas religiões de matriz cristã⁵, os católicos e os protestantes, religiões estas⁶ que, tal como observa Decol (1999), em análise às tabelas disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de seus censos decenais, desde a década de 1940, até a atualidade, são os grupos religiosos mais expressivos em termos numéricos absolutos⁷.

Portanto, a presente pesquisa versa sobre tendências e possibilidades identificadas, a partir do cruzamento dos dados⁸, de jovens declarados como pertencentes às religiões de matriz cristã⁹, em relação à presença de elementos religiosos em questões que envolvem fatores de caráter político, como é o caso da cidadania. Instiga-se, assim, refletir

4 Programa Federal Observatório da Educação/CAPES Ciências Sociais UEL, cadastrado na PROPPG UEL.

5 Conforme apresentaremos adiante, essa matriz obteve maior concentração de estudantes. Essa somatória total considerou os que assinalaram somente as opções “Cristã – Católica” e “Cristã – Protestante/Evangélica” e também os que as assinalaram e indicaram múltipla pertença religiosa (8 estudantes).

6 Em relação as análises e elaborações a partir desses dados, compreende-se a grande variedade de vertentes existentes nos catolicismos no Brasil, e o mesmo é válido para as religiões evangélicas e protestantes.

7 De acordo com Decol (1999), o catolicismo é a religião que possui o mais antigo e tradicional grupo de adeptos do Brasil, chegando a se confundir com a própria formação histórica da sociedade brasileira

8 Devido à adoção de valores com uma casa decimal para apresentação dos dados, arredondamentos se fizeram necessários na pesquisa. Esse fato pode gerar variações pequenas na somatória das taxas das variáveis em relação aos 100% esperados pelo fracionamento. Indica-se, também, a presença de questões de múltipla escolha, nas quais o número de respostas é superior ao de respondentes.

9 A título de esclarecimento, o termo “matriz cristã” no Brasil considera valores religiosos e simbólicos característicos dos cristãos, com composição católica e evangélica/protestantes (Bittencourt Filho, 2003; Mariano, 2004).

sobre a perspectiva de que essas escolas podem se configurar como ambientes nos quais, devido à diversidade dos indivíduos que a frequentam, suas diferentes perspectivas e relações dinâmicas por eles desenvolvidas, os jovens desenvolvem tais questões, debates e diálogos, entre outros.

Juventude, geração e escola

No que se tange à conceituação do termo “juventudes”, buscou-se dialogar com contribuições da perspectiva de Karl Mannheim em relação às suas elaborações sobre as gerações, as quais buscam ir além de consideração sobre faixas etárias em âmbito biológico e cronológico. É importante ressaltar que o autor desenvolve suas análises, seja sobre juventudes (Mannheim, 1967) ou, ainda, sobre as noções de pensamento conservador ou progressista (Mannheim, 1981), que também são instrumentalizados para esta análise, tendo em vista que tais questões possuem configurações particulares que variam entre localidades e épocas.

De acordo com Weller (2010), a perspectiva mannheimiana destaca que as sucessões de gerações e o “fenômeno da contemporaneidade” cobram um sentido mais profundo sobre o que são as gerações. Karl Mannheim, desse modo, apresenta uma noção de vínculo geracional como fruto das experiências vividas na contemporaneidade compreendida não como uma data cronológica na linha de “desenvolvimento da humanidade”, mas na similaridade de influências advindas, por exemplo, da cultura, da política e da vida social, entre outros.

A noção de geração, assim como as teorizações do autor sobre o conservadorismo e os movimentos de caráter progressista, mantêm diálogos com fatores sócio-históricos, políticos, culturais, entre outros, da conjuntura na qual são considerados. Porém, o autor também compreende, tal como observa Weller (2010), que os grupos etários podem vivenciar, por exemplo, tempos interiores diferentes nos mesmos períodos cronológicos, sejam indivíduos de idades similares ou diferentes, havendo uma variedade de possibilidades contemporâneas. Pode-se apontar que o autor destaca também, em suas análises, as perspectivas elaboradas pelos indivíduos e suas compreensões “internas” como elementos fundamentais para as reflexões e análises que abordam temas relacionados às gerações.

No que tange às particularidades da juventude contemporânea, Martín-Bárbero (2006) indica as transformações na forma de construção das visões de mundo dos jovens contemporâneos, os quais demonstram forte tendência à vinculação de uma cultura que atribui maior valor ao acesso às informações digitais, em detrimento das narrativas escritas ou da influência dos pais. Neste sentido, enfatiza-se a necessidade de reconhecer o papel ativo do jovem enquanto ator social, especialmente no que tange ao potencial subjetivo da juventude no processo de transformação qualitativa dos seus ambientes de interação, a partir de “iniciativas culturais e ações socioeducativas” (Fernandes, 2019, p. 342).

Dessa forma, quando se trabalha com os jovens contemplados para a presente pesquisa, estes não são pensados de forma homogênea em relação às suas formulações,

que não são, então, interpretadas de forma “rígida”; procurou-se evidências da realidade a partir desses dados. Suas perspectivas, às quais essas possibilidades se referem, são compreendidas considerando-se suas diversidades, tal como os elementos advindos da cultura são percebidos como fatores que podem constituir esses processos de diferentes maneiras e de forma contínua.

Acerca do ambiente escolar, é importante observar que é aqui compreendido, tal como destaca Dayrell (1999) a respeito das escolas, como um espaço sociocultural, partindo-se de uma perspectiva que considera a cultura na qual esse está localizado e também o dinamismo do cotidiano, que é levado a efeito pelos indivíduos, trabalhadores, alunos e professores, enquanto sujeitos sociais e históricos, portanto, produtos e construtores ativos da própria história (Dayrell, 1999, p. 1).

Nesse sentido, considera-se para a análise que a escola, tal como ressalta o autor, enquanto instituição, pode atribuir funções, separar e até mesmo hierarquizar o espaço. Porém, ela também é composta por indivíduos que criam uma trama própria de inter-relações, apesar de estar localizada em uma conjuntura específica e de estabelecer diálogos com instituições políticas, com o sistema de produção da sociedade mais ampla e com um sistema escolar que define conteúdos.

O ambiente escolar, nessa perspectiva, proporciona a possibilidade do desenvolvimento dessas construções contínuas, portanto, os indivíduos que participam desses processos não são tidos como sujeitos passivos diante de uma estrutura, mas, sim, sujeitos em constantes processos de construção, elaboração, conflitos e negociações, entre outros. Portanto, tal como destacam Velho e Viveiros de Castro (1978), esses atores não reduzem suas ações a “joguetes” de forças impessoais, e sim interpretam, mudam, criam símbolos e significados, ainda que mantendo comunicações, diálogos e conflitos com a cultura. Dessa forma, compreende-se que os indivíduos podem engendrar tanto transformações como a busca por dialogar, no sentido de conservar, com diferentes elementos nas sociedades e em suas configurações.

As escolas, em seu cotidiano, possibilitam o contato não só entre indivíduos diferentes, por exemplo, por questões de ordem econômica, por suas práticas cotidianas, e suas perspectivas que dialogam com esses elementos¹⁰, mas, também, destes agentes com elementos formativos de cunho cultural, político, social, econômico, entre outros, uma vez que estes indivíduos, tal como observa Natividade (2010), se inserem em um âmbito, uma conjuntura, que contém esses elementos.

Juventude, religião e política

As religiões, por sua vez, também são compreendidas como em diálogo com características de cunho cultural, histórico, social, político, o que vai ao encontro das observações de Novaes (2004) sobre as alternativas religiosas serem porosas e se deixarem

10 Ressalta-se que não há, necessariamente, uma relação que remeta ao determinismo, por exemplo, das condições econômicas e as elaborações desses indivíduos. Esses podem ser fatores que concorrem para a construção das mesmas, e as possibilidades destas construções podem ser diversas.

entremear pelos processos sociais em curso. Também partilhando de uma perspectiva mannheimiana de análise, Novaes (2018) indica que na atual conjuntura as relações entre religiosidade e juventude perpassam uma problemática diferencial dos padrões clássicos, na qual

Vivendo em um momento histórico em que o presencial e o virtual se imbricam constituindo-se uma mesma realidade, convivendo com famílias multirreligiosas, os jovens de hoje se movem com mais familiaridade em um jogo menos previsível de percursos e combinações, bem como ampliam o repertório de trajetórias religiosas possíveis (Novaes, 2018, p. 353).

Desse modo, é importante salientar que essas relações também podem ser compreendidas como fenômenos que são vivenciados e manifestados de formas particulares pelos indivíduos singulares, tal como suas influências em diversas áreas de suas vidas e práticas, e a forma como estes professam suas crenças. A formação das perspectivas individuais dos sujeitos singulares é amplamente permeada, assim, por uma multiplicidade de fatores (de ordens política, religiosa, cultural, entre outras) que convergem para determinadas tomadas de posicionamentos destes sujeitos frente às distintas problemáticas que tomam forma na dinâmica dos processos cotidianos.

Um olhar para alguns fatores da realidade cotidiana brasileira – como é o caso dos feriados de origem religiosa, ou mesmo as cédulas da moeda corrente nacional expondo a frase “Deus seja louvado” – pode demonstrar o quanto as religiões, suas representações e crenças podem estar presentes em nosso cotidiano de diversas maneiras. Adiciona-se a tal questão o fato de que os indivíduos, a partir de suas leituras, compreensões e percepções das religiões e seus princípios, podem engendrar relações sociais que dialoguem com tais perspectivas.

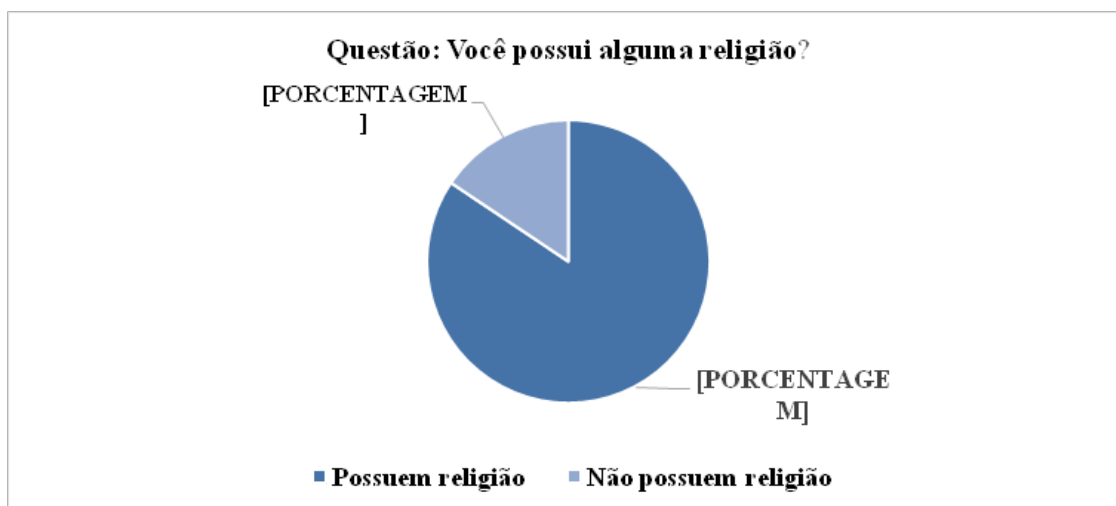
Para Maduro (1981), a palavra religião e as religiões em si possuem conexões com os idiomas, conjunturas e elementos históricos, culturais, sociais, e geográficos, variando entre as sociedades, classes e grupos sociais. Em sua definição prévia de cunho sociológico para religião, Maduro (1981) a descreve como um campo de diálogo e conflitos, que engendra crenças, dependências e comportamentos sociais¹¹. Nesse sentido, conforme ressalta Aquino (2011), elaboraram-se discursos que englobam perspectivas de valores, verdades e condutas, articulando modos de subjetividade e diferentes formas de perceber e se colocar na realidade. Agrega-se, assim, diversos indivíduos sob determinadas visões de mundo que passam a representar os elementos de coesão de um grupo social (Montes, 2006).

Com base nessas considerações, levantou-se questionamentos referentes ao pertencimento religioso dos jovens das escolas nas quais a pesquisa foi realizada, buscando elucidar se este vínculo poderia influir em suas formas de interpretação da realidade – tendo em vista as considerações de Novaes (2004), que, ao utilizar em sua pesquisa

11 De acordo com o autor, a religião é uma: [...] estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social, referentes a algumas forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) tidas pelos crentes como anteriores ou superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressam certa dependência” (Maduro, 1981, p. 31).

fontes quantitativas¹² e apontar a possibilidade de se pensar hipóteses a partir do cruzamento desses dados relativos à juventude brasileira¹³ e ao pertencimento a diversas religiões e matrizes, compreende a religião como parte constitutiva das vivências desses jovens em diversos âmbitos.

Um primeiro aspecto que se destacou entre os dados da pesquisa LERR/OBEDUC 2016, foi que, em termos de números absolutos, os jovens em tais colégios que são adeptos, ou frequentam/frequentaram alguma religião, chegam a quase 85%, conforme o gráfico 1:



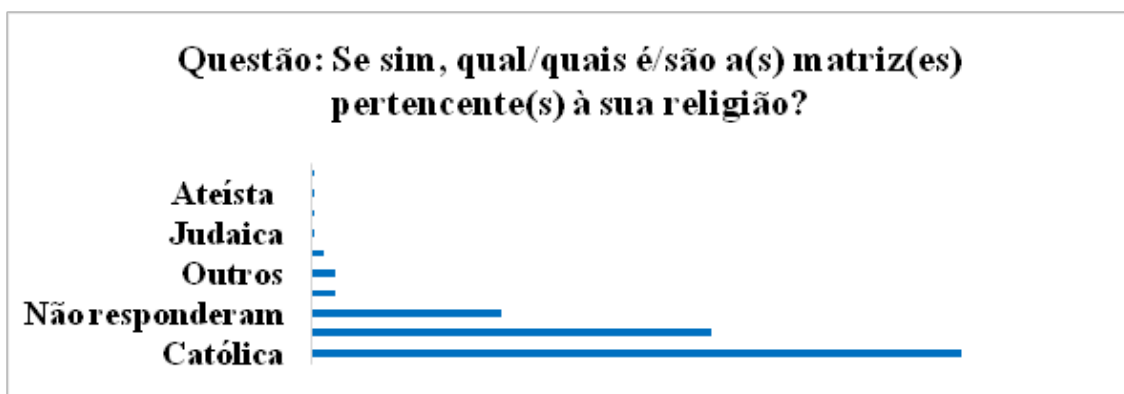
Fonte: Pesquisa LERR-OBEDUC 2016.

Em vista da ampla porcentagem de pertencimento desses jovens às instituições religiosas, evidencia-se a importância de buscar compreender as especificidades desta relação. Nesse sentido, Magalhães (2018) indica que as igrejas tendem a funcionar como espaço de dinamização da sociabilidade dos jovens contemporâneos, nos quais encontram a possibilidade de formar novos vínculos de amizade – fenômeno que contribui para formação de grupos sociais de jovens que partilham de visões de mundo coesas e particulares em relação às demais formações socioculturais da complexa vida social.

Em relação à diversidade de pertencimentos, pode-se observar que as religiões de matriz cristã, que apresentam o pertencimento à matriz católica e/ou protestante, somam um total de indivíduos que supera, em termos numéricos, o total de jovens que frequentam as religiões de outras matrizes e, ainda, dos jovens que não responderam à questão – conforme é possível observar pelos resultados obtidos pela pergunta 15.1, relativa aos estudantes que responderam afirmativamente em relação a possuir ou frequentar alguma religião “Se sim, qual/quais é/são a(s) matriz(es) pertencente(s) à sua religião?”, disponibilizados no gráfico 2:

12 A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” (2004) e dados do IBGE, como o censo realizado em 2000.

13 Os dados, com os quais a autora trabalhou, contemplaram jovens em idades entre 15 e 24 anos.



Fonte: Pesquisa LERR-OBEDUC 2016.

Para além da questão das matrizes religiosas, o alto índice de pertencimento religioso dos jovens nessas escolas em Londrina e região apresenta-se enquanto dado importante, considerando que, tal como indicado anteriormente, as religiões elaboram discursos que buscam influir em perspectivas de como agir, articulando, então, formas de subjetividades. Tal questão é um indicativo de que esses são fatores de relevância para a análise de temas relacionados à juventude, e, tal como destaca Novaes (2004), é importante que se procure elaborar caminhos de reflexão para compreender melhor as identidades religiosas e seus efeitos em diferentes áreas da vida dos jovens.

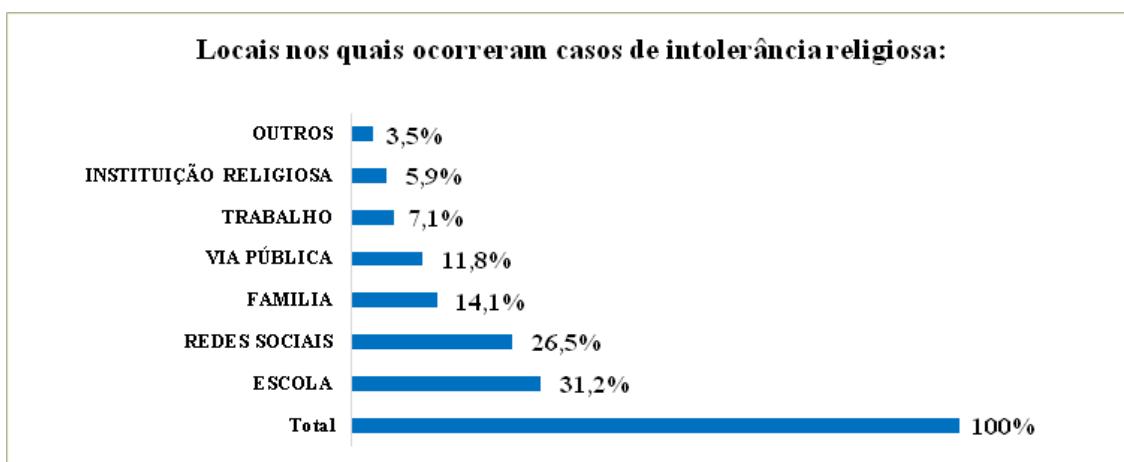
Acrescentam-se a tais considerações as observações de Fernandes (2009) no sentido de que os jovens se constituem como o grupo etário de maior evidência no Brasil e em outras sociedades dinâmicas. Mannheim (1967), sobre esse aspecto, percebe a juventude como um “recurso latente” das sociedades, e, desta forma, há que se apresentar preocupações em relação aos fatores que envolvem a própria sociedade e o seu futuro, visto que os jovens estão então, relacionados à essa e ao seu desenvolvimento.

Mannheim (1967) destaca ainda que as relações entre as sociedades e as juventudes podem ser percebidas por uma perspectiva de reciprocidade. Quando se pensa, por exemplo, o que está sendo ensinado aos jovens – considerando também os processos educacionais de diversas ordens desenvolvidos nas escolas –, é importante que se pense, inclusive, a natureza da contribuição que esta juventude pode trazer para a sociedade.

Nesse sentido, pode-se destacar que, no ambiente escolar, os processos de aprendizagem e o desenvolvimento do modo como os jovens lidam com as diversas informações com as quais têm contato em tal espaço podem não estar somente circunscritos, por exemplo, ao currículo e seus conteúdos ministrados no decorrer das aulas, mas também no contato com outros jovens, os quais, de acordo com Fernandes (2009), podem apresentar perfis antagônicos em relação à pertencimentos sociais, perspectivas, opiniões políticas, diversidades e sistemas de linguagem, entre outros fatores, daí a importância de não se generalizar tal juventude.

Dentro dessa perspectiva, torna-se relevante atentar ao modo como os jovens, majoritariamente vinculados a matrizes religiosas cristãs, apreendem a existência de atitudes religiosas intolerantes em seus espaços de convivência. Nesse sentido, é relevante observar que, dentre o total geral de trezentos e vinte e seis alunos que responderam à questão relativa terem sofrido ou vivenciado situações de manifestações de intolerância

religiosa, cento e dois alunos (31,2%), dentre os quais oitenta e três são de matriz cristã, afirmaram já ter passado por situações do tipo, e indicam os locais nos quais o fenômeno tomou forma (conforme consta no gráfico 3):



Fonte: Pesquisa LERR/OBEDUC 2016.

Destaca-se, assim, que os principais espaços da presença de casos de intolerância religiosa são a Escola (31,2%) e as Redes Sociais (26,5%), locais que se caracterizam, de forma mais marcante, pela multiplicidade de visões de mundo de sujeitos em dinâmica interação. Se, por um lado, a alta porcentagem de casos de intolerância no ambiente escolar indica uma potencial defasagem no processo educacional crítico para exercício da cidadania democrática dos sujeitos investigados, por outro, a presença do fenômeno nos espaços digitais coaduna, potencialmente, com a ideia de Cardozo (2018) sobre a existência de um “paradoxo” nas perspectivas da juventude contemporânea inserida nos ambientes digitais – considerando, para isto, que estes espaços tendem a se construir enquanto ambientes de interação para sujeitos de diferentes gerações que partilham de visões similares de mundo.

Cardozo (2018), aponta a forma como o fortalecimento da religiosidade em meio à sociedade civil e a inserção dos jovens no espaço digital possibilitaram a ascensão do que classifica como “paradoxo juvenil do seu engajamento político” – sendo que, ao mesmo tempo que se evidenciou uma ampliação das fileiras juvenis em defesa de pautas políticas sociais tendencialmente progressistas, também se observou um aumento da militância de jovens em favor de bandeiras conservadoras e moralistas.

Direcionemos, portanto, para a análise das perspectivas desses jovens quanto às questões referentes à política e cidadania, como, por exemplo, qual seria o melhor sistema político ou econômico para o país, a participação em debates sobre política, atentando ao quanto a religião consolida-se, ou não, como um fator que pode contribuir para o desenvolvimento de perspectivas relacionadas à política e para o exercício da cidadania, influenciando, portanto, em tais processos, além de buscar versar, também, sobre a presença e o desenvolvimento destas temáticas, e de elementos relacionados a elas, no âmbito escolar, nas diversas relações que estes ensejam em tal espaço.

No decorrer da análise dos dados, observou-se que a maioria desses jovens, entre cristãos católicos (74,7%) e cristãos protestantes (66,0%), declararam não participar de discussões de cunho político. Porém, muitos demonstraram possuir concepções formadas acerca de temas que envolvem a política, por exemplo, no caso de suas percepções sobre qual seria o melhor sistema econômico/social para o país, cujo maior índice mostrou ser o sistema capitalista (católicos: 46,5%, protestantes: 43,8%), ou ainda sobre o melhor sistema político ser o presidencialismo (católicos: 22,4%, protestantes: 27,7%). Nesse sentido, foi possível apreender que, somando as alternativas que apresentavam alguma opção de sistema econômico/social¹⁴, 65,8% dos católicos e 70,8% dos protestantes optaram por assinalar algum sistema econômico entre as alternativas disponíveis, ao passo que, no que se refere aos sistemas políticos, 37,2% católicos e 43,6% protestantes assinalaram alguma das opções disponíveis¹⁵.

Tais números são indicativos de que, apesar de declararem a preferência por não se envolver em debates relativos à política, ainda sim acabam se posicionando sobre temas relacionados, como é o caso do sistema de produção social (capitalismo), presentes em seu cotidiano, e que, então, podem influir de diversas maneiras em suas vidas. Dessa forma, esses jovens acabam por estabelecer formas de diálogo sobre tais aspectos, o que pode ocorrer, por exemplo, ao se defrontarem com questões relacionadas ao tema, ou, ainda, frente à possibilidade do contato com indivíduos dispostos a desenvolvê-las, visto que, de acordo com as respostas acima, existem posicionamentos de cunho político por parte dos mesmos.

No entanto, é importante ressaltar que as alternativas sobre não possuírem uma opinião formada também se destacaram entre as respostas: como expressão dos dados na questão sobre o melhor sistema econômico/social, 33,5% católicos e 29,2% evangélicos declararam não ter opinião formada. Com base em tais informações, pode-se destacar a possibilidade de que, nos casos em que não se tenha opinião formada, indivíduos representantes de religiões, que falem em “nome” das mesmas, ou ainda os posicionamentos das próprias instituições, podem ser fatores importantes para o processo de construção de perspectivas que podem vir a influir na vida pública e/ou na vida privada desses jovens, uma vez que a opinião não formada não implica, necessariamente, a ausência desta influência.

Porém, pode-se destacar que, entre os jovens católicos e protestantes/evangélicos que declaram ser o sistema capitalista o melhor sistema econômico/social, e aqueles que responderam outros sistemas diferentes, os que colocaram possibilidades de algo diferente do atual sistema de produção foram 19,4% católicos e 27,1% protestantes. Tais respostas, pensando por outra perspectiva, sobre os jovens que se colocaram como indiferentes e que, dessa forma, não se posicionam contrários ou favoráveis a mudanças ou/e continuidades, apontam uma possibilidade de que a juventude dessas escolas também possa apresentar perspectivas que dialogam com elementos progressistas em

14 As alternativas consistiam respectivamente em: “Capitalismo”, “Socialismo”, “Comunismo”, “Anarquismo”, “não tenho opinião formada” e “outros”.

15 As alternativas disponíveis eram: “Presidencialismo”, “Parlamentarismo”, “Monarquia”, “Ditadura Militar”, “Ditadura Civil”, “Teocracia”, “não tenho opinião formada”, “outro”.

relação à tal questão de cunho político, apesar do percentual de jovens que demonstraram optar pela conservação do atual sistema como a opção viável. Nesse sentido, pode se considerar que:

No Brasil, com as transformações no cenário político da última década e mais acentuadamente com as Jornadas de junho de 2013, a manifestação pública dos segmentos juvenis têm assumido novos contornos. Os jovens têm se mostrado mais ativos na reivindicação de direitos e na contestação do *status quo*, optando pelo esvaziamento da prática política institucional e pela rejeição ao jogo partidário (Fernandes, 2019, p. 342).

Quando se fala em progressismo e conservadorismo, nesta pesquisa, dialoga-se com a perspectiva teorizada por Mannheim (1981), segundo a qual os indivíduos podem apresentar tais posicionamentos e comportamentos em diferentes áreas de suas vidas, ou, ainda, de suas compreensões sobre o mundo. Dessa forma, um indivíduo poderia, por exemplo, apresentar uma forma de perspectiva progressista no que se refere à formação familiar, e uma que pode ser considerada conservadora em relação ao sistema político.

Em suas elaborações, o conservadorismo se configura como uma forma de pensamento que apresenta relações com um conjunto de circunstâncias, uma vez que a conjuntura social, cultural, histórica e política influencia nas perspectivas dos indivíduos, apresentando, então, conexões com um tempo passado. Dessa forma, o pensamento conservador é elaborado de forma consciente e atua em sentido oposto aos movimentos que buscam mudanças, que são aqueles que dialogam com formas de pensamento progressistas. Porém, é importante observar, para Mannheim (1981), quando apresentam pensamentos de caráter conservador, suas construções podem tanto “reproduzir” quanto acrescentar algo de si, desenvolvendo-as ainda mais a partir de situações localizadas histórica, social e culturalmente, as quais vivenciam. Nesse sentido, há de se enfatizar que, na perspectiva mannheimiana, o pensamento conservador provém de uma elaboração complexa e consciente de sujeitos ou grupos que recusam as transformações da realidade sociais, apropriando-se estrategicamente de elementos do tradicionalismo para garantir maior potencial de adesão social na defesa de suas pautas (Lattanzi; Faria, 2013).

No que se refere à construção da cidadania, pode-se observar que 75% dos católicos consideram que a opção religiosa influencia em seu processo de construção e em seu exercício por parte dos indivíduos, ao passo que 7,1% assinalaram não, nenhum estudante se apresentou como indiferente e 17,9% não possuem opinião formada, e entre os protestantes 75,5% responderam sim, 11,5% não, 2,1% declararam ser um elemento indiferente para tal processo e 9,4% não têm opinião formada. Considerando as afirmativas e os indivíduos que declaram não possuir opinião formada em ambos os casos – o que pode se um indicativo de que esses percebem as influências das religiões no exercício e constituição da cidadania –, pode-se inferir uma tendência no sentido de que as religiões sejam fatores que fazem diferenças nesse processo, tal como no caso daqueles que percebem essa influência (que pode ter diversas formas), o que dialoga com as observações de Novaes (2004) no sentido de que afirmar que estas não fazem diferença para a complexa vida contemporânea resulta na amputação de uma parte importante do imaginário social dos jovens.

Soma-se a tal questão que, quando se trata do âmbito político institucional, 7,5% católicos e 13,9% protestantes colocam-se favoráveis à influência de líderes/representantes religiosos somente de sua matriz no mesmo, ao passo que 16,3% católicos e 16,8% protestantes são favoráveis à presença de representantes de todas as matrizes religiosas; somando os resultados favoráveis, tem-se 23,8% dos católicos e 30,7% dos protestantes que não se opõem, mas são favoráveis a algum tipo de presença religiosa na política. Os estudantes que não têm opinião formada somam 48,8% católicos e 42,6% protestantes¹⁶.

Sob a perspectiva de possíveis inferências a respeito dos jovens que responderam não possuírem opiniões formadas, uma vez que estes não se colocam definitivamente contra a presença de elementos religiosos, por exemplo, nos debates sobre projetos de lei que possam estabelecer diálogos com princípios de origem religiosa, e somando-se tais valores aos que se posicionaram de forma favorável, obtém-se mais de 60% dos jovens nos dois casos, portanto, a religião ou as noções desses líderes religiosos podem vir a aparecer como um elemento presente nas elaborações desses jovens sobre suas concepções acerca de assuntos políticos.

As discussões de elementos de cunho político e o próprio exercício da cidadania, são tópicos que envolvem aspectos públicos da vida dos indivíduos, visto que podem abranger manifestações destas percepções em relação a questões que envolvem as vidas de todos, como as votações em eleições, debates e demonstração de apoio ou não à projetos de leis, entre outros.

As escolas, nesse sentido, seriam um dos ambientes públicos que possibilitam contato entre indivíduos com tais percepções diferentes, e, desta forma, debates e exposições de suas perspectivas, as quais, a partir dos dados coletados entre os jovens nesta pesquisa, demonstraram a possibilidade da concorrência de elementos religiosos em sua formação.

Considerando as respostas sobre as questões políticas e sobre cidadania e as propostas teóricas de Mannheim (1981), compreende-se que os jovens podem apresentar elementos conservadores, progressistas, ou ainda outros tipos de posicionamentos em suas elaborações, e, desta forma, podem ocorrer diálogos, debates, embates, negociações, entre outros diversos processos, que podem se desenvolver no ambiente escolar.

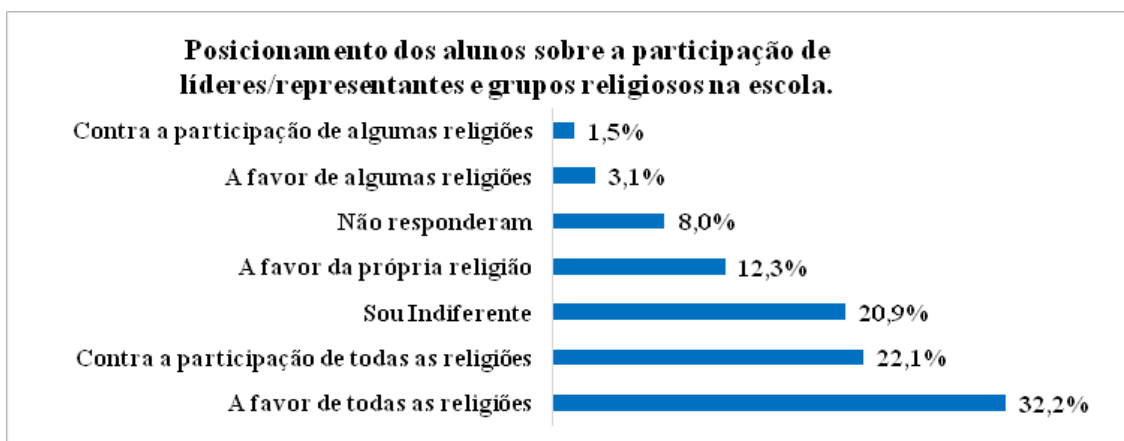
Com base em tais considerações, esse espaço pode ser pensado, inclusive, enquanto local que, por possibilitar tais situações, pode contribuir para as elaborações desses jovens, visto que pode haver a presença, por exemplo, do desenvolvimento de debates não só de cunho religioso mas, também, político, ou ainda, por indivíduos que compartilhem (ou não) ou sejam praticantes de religiões e percebam nestas princípios relevantes na formação de concepções que envolvem elementos políticos ou, ainda, para o exercício da cidadania, como, por exemplo, concepções sobre a conquista de direitos, tema que envolve a sociedade como um todo.

Os dados da pesquisa apontaram para tal possibilidade, não só de as escolas serem ambientes que proporcionam o desenvolvimento de tais temáticas enquanto conteúdos

16 Apresentam-se, ainda, 4,4% católicos e 4,0% protestantes contrários à presença de líderes/representantes de algumas matrizes na política, e 23,1% católicos e 22,8% protestantes contrários à presença de líderes de todas as religiões na política.

que podem aparecer nas aulas como temas a serem abordados, como também a possibilidade de que sejam um dos principais locais em que os jovens encontrem situações nas quais possam debatê-los uns com os outros – ou, ainda, com outros indivíduos que compõe o ambiente escolar. Ao versar sobre os lugares nos quais tais jovens abordavam discussões e diálogos de cunho político (sendo essa uma questão que possibilitava marcar mais de uma opção), entre os alunos de ambas as matrizes que responderam à questão, as alternativas mais assinaladas foram, respectivamente: Escola (56 vezes), Família (47), Grupo de amigos (24) e Internet (19)¹⁷. Dessa forma, compreende-se que o ambiente escolar se configura como um espaço no qual esses jovens abordam tais assuntos e que proporciona o contato com diversidades.

Em diálogo com essa possibilidade, é relevante observar que, ao ser questionados sobre o ambiente escolar e o convívio com diversidades religiosas, os números indicam que a maioria, dentre todas as matrizes religiosas assinaladas na pesquisa, se posicionou de forma favorável à participação de líderes, grupos e indivíduos religiosos nas escolas. No gráfico 4 são expostas as respostas sobre a participação de líderes e grupos religiosos no espaço escolar.



Fonte: Pesquisa LERR-OBEDUC 2016.

Pode-se observar pelo gráfico, que 32,2% dos que responderam à questão se posicionam favoráveis à presença de líderes/representantes de todas as religiões no espaço escolar, ao passo que 20,9% demonstraram ser indiferentes. Aparentemente, é possível inferir que há possibilidade de convívio com os demais que possuem outras adesões religiosas; esses jovens não se opõem ao convívio com a diversidade nesse espaço público. Entretanto, interpretamos que a possibilidade de convivência com a diversidade religiosa pode ser limitada às múltiplas religiões da matriz cristã.

Tais informações conduzem a reflexões sobre a presença desses elementos em espaços referentes à vida pública. Novaes (2012), nesse sentido, argumenta que a religião e seus elementos têm resistido a se circunscrever à vida privada, ganhando fôlego, inclusive,

17 As outras opções disponíveis eram: “Associação de Bairro/Condomínio” e “Outro”, que foram marcadas uma vez cada, e, ainda, “Instituição Religiosa”, que não foi assinalada nenhuma vez.

para superar grandes narrativas que separaram essas dimensões. Um ponto a ser destacado é: como os jovens, no caso desta pesquisa, convivem com essas manifestações na escola, o ambiente comum no qual se desenrolam suas relações pessoais, cotidianas e convívio com diversas religiões no espaço escolar.

Considerando a possibilidade, oriunda dos dados, os estudantes evidenciaram que podem conviver e respeitar as diversidades religiosas no espaço público escolar. Outro elemento que corrobora essa análise foram as respostas sobre manifestações e/ou a presença de símbolos religiosos nas escolas: 31,9% católicos e 13,9% protestantes são favoráveis, 25,8% católicos e 24,8% protestantes são indiferentes, e 16,6% católicos e 18,8% protestantes não têm opinião formada, ao passo que se posicionaram contrários 25,8% católicos e 42,6% protestantes. Soma-se a isso que, dentre os estudantes que opinaram ser favoráveis a essa presença, a maioria dos católicos (73,8%) colocou-se a favor da presença de símbolos e manifestações de todas as matrizes, enquanto 26,2% de somente algumas, e entre os protestantes 66,7% são favoráveis à presença de todas as matrizes e 33,3% favoráveis a somente algumas. Destaca-se, novamente, que aqueles que não possuem opinião formada ou afirmam ser indiferentes a isso não se manifestam contrários ou favoráveis, o que pode significar que esses jovens convivem com esses símbolos sem interpretar sua presença de forma que lhes cause sentimentos de “desconforto”.

Pode-se perceber, então, que as respostas à pesquisa evidenciaram, por parte dos jovens contemplados, uma busca por conservar certas estruturas, como o modelo de produção capitalista e o sistema presidencial já instituído, que podem ser consideradas como perspectivas que rechaçam mudanças referentes à atual situação. Porém, destaca-se aqui uma observação de Novaes (2004), de que buscar compreender as juventudes, por exemplo, somente como conservadoras, é algo que, apesar de render diversas manchetes, não é tão simples.

De acordo com a autora, toda experiência geracional é inédita, e apreender sua singularidade é algo que pode proporcionar questionamentos de modelos já construídos. A pesquisa LERR/OBEDUC 2016, nesse sentido, evidencia, com seus resultados, uma dessas possibilidades, visto que revela que, apesar desses traços similares entre os jovens na busca por conservar determinados elementos (capitalismo, presidencialismo, ou ainda sobre declararem não discutir política), essa juventude revelou a possibilidade do convívio com o que é diferente, ou seja, com perspectivas das diversas religiões, que podem, inclusive, fazer parte dos debates desenvolvidos nesse espaço, referentes aos temas já abordados.

Nesse sentido, evidenciam-se, ainda, as elaborações de Dyrell (1999), de que as escolas são espaços socioculturais próprios e ordenados em mais de uma dimensão, como é o caso da institucional, pelo conjunto de regras e normas, cuja atuação também busca unificar e delimitar as ações dos indivíduos. Destaca-se para a presente análise, para além da institucional, outra dimensão considerada para a pesquisa: a cotidiana, que contempla a trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que inclui “alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Há, então, um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes” (Dyrell, 1999, p. 02), e que compõe a vida escolar.

Pensando as elaborações de Dyrell (1999) no sentido da possibilidade de que o processo educativo escolar recoloque, no próprio cotidiano, alternativas tanto de reprodução do “velho” quanto da “construção do novo”, pode-se inferir, a partir dos dados da pesquisa, a existência de posicionamentos dos estudantes que podem apresentar paralelos com a concepção definida por Mannheim (1981) como progressista em relação à busca ou a “não rejeição” ou ainda a ausência de desconforto pelo convívio com as diferenças de ordem religiosa, visto que estas se fazem presentes em conjunturas nas quais, de acordo com Novaes (2004), os jovens convivem com a intensificação, por exemplo, da difusão de informações, o que inclui as religiões e espiritualidades.

Tais observações conduzem, também, à importância de se trabalhar as referidas temáticas no ambiente escolar, no sentido de abordá-las em diálogo com os estudantes e professores, veiculando, então, informações, conteúdo e problematizações a esse respeito, visto que, em tal espaço, não só podem se desenvolver questões e elementos que compõe a formação da cidadania e perspectivas políticas, como, também, há a diversidade da comunidade (seja religiosa, racial, política, entre outras) que o compõe e frequenta, o que pode, a seu turno, ampliar e contribuir para o debate sobre as mesmas.

Dessa forma, pensando o ambiente escolar como um possível local para o desenvolvimento de questões que envolvem elementos políticos, essa abertura ao convívio com o diferente, no caso das religiões, é um aspecto importante, tal como destaca Silva (2004) no que diz respeito ao próprio exercício da cidadania, tendo em vista que os indivíduos são seres diversos em questões de possibilidades de suas vivências e perspectivas. Tal observação vai ao encontro dos dizeres de Mannheim (1967), de que a educação e as próprias ações das escolas e o “mundo externo” não são compartimentos separados, e que a atuação destas não reside exclusivamente em lidar com conhecimentos cimentados de antemão, mas sim buscar “habilitar” os indivíduos a “aprender [...] através da própria vida” (Mannheim, 1967, p. 74), e as religiões, os debates sobre questões que envolvem política, o exercício da cidadania e dos direitos dos indivíduos e suas grandes diversidades, são questões presentes no cotidiano dinâmico, inclusive das escolas, não só no que se refere às questões institucionais, mas também nas relações que os indivíduos desenvolvem, o que inclui os jovens.

Considerações finais

Partindo das matrizes religiosas declaradas pela maioria dos jovens (católicos e protestantes) na respectiva pesquisa, pôde-se dialogar com a possibilidade de que a escola se apresente como um ambiente no qual eles encontram espaços para desenvolver relações e debates referentes à religião, política e cidadania, visto que os dados apontam uma tendência de que não o fazem com frequência em outros ambientes. A escola proporciona convivência entre diversidades de perspectivas, e, desta forma, esse pode ser um espaço que, inclusive, potencialize tópicos e diálogos sobre as diferenças.

A diversidade de respostas foi algo que se destacou no decorrer da interpretação e inferência dos dados. Pode-se notar elementos dessa diversidade em termos da busca desses jovens, declaradamente adeptos de matrizes cristãs, tanto em conservar quanto

em modificar elementos políticos, civis ou relativos à atual sociedade, que possibilitaram a reflexão também acerca de situações como a atuação de jovens no espaço virtual e também em espaços públicos, em diálogo e relação com aspectos homogeneizantes que as religiões podem apresentar.

Foi relevante observar as construções de grades de leitura da realidade por parte desses jovens também é um processo que comporta a diversidade, por exemplo no acesso de informações, convivências, debates, diálogos e interações nos espaços virtuais e físicos, que influem então, na forma como os posicionamentos da juventude frente às situações, dinâmicas e problemáticas do cotidiano são elaborados.

É importante ressaltar, também, que não há como afirmar que as religiões não sejam mais elementos que influam nas construções e perspectivas dos jovens. Os dados desta pesquisa evidenciam tal questão, por exemplo, ao demonstrar a grande adesão desses estudantes às diferentes religiões e seu convívio com essas no espaço público escolar. Então, apesar de parte dos estudantes se relacionar e defender aspectos conservadores da atual sociedade, outro grupo considerável da juventude das escolas públicas de Londrina e região, ainda sim, demonstrou estabelecer diálogos com elementos progressistas no sentido de fomentar a formação cidadã sob o prisma da diversidade religiosa.

Essa possibilidade para o convívio com as diferenças religiosas, e, logo, com diferentes perspectivas, considerando os debates que podem se desenvolver em âmbito escolar, dadas as possibilidades proporcionadas por este, reacendem as reflexões sobre as possibilidades (e a importância) de se abordar de forma mais aprofundada tais tópicos nas escolas enquanto conteúdos propriamente ditos, no sentido de versar sobre as diferenças existentes relação a vários temas, o que pode contribuir para o exercício e a construção de uma cidadania mais inclusiva e do respeito às diversidades.

Referências bibliográficas

AQUINO, G. R. Anarquismos, Cristianismo e Literatura Social No Brasil (1890 – 1938). 01/06/2011, 215 f. Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BITTENCOURT FILHO, J. Matriz religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes/Koinonia, Petrópolis/Rio de Janeiro 2003.

CARDOZO, Carlos E. Juventude, religião e política: alguns apontamentos teóricos. Fronteiras, Recife, v. 1, n. 1, pp. 37-56, 2018.

DECOL, R. Mudança Religiosa no Brasil: Uma Visão Demográfica. Revista Brasileira de Estudos de População. 16, n. 1/2, jan. dez. 1999

DYRELL, J. A. A escola como espaço sociocultural. In: Dyrell, Juarez (Orgs.) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FERNANDES, S. R. A. Juventude nas igrejas e fora delas: crenças, percepções da política e (des) vinculações. *Revista Tomo*, São Cristóvão-SE, nº 14 jan./jun. 2009.

FERNANDES, Sílvia. Sociologia da Juventude – olhares interdisciplinares e intertemáticos. *Contemporânea*, São Carlos, v. 9, n. 2, pp. 339-350, 2019.

LATTANZI, J. R., FARIA, F.A. O Estado de S. Paulo: um expoente da imprensa conservadora (1889 – 1929). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, n. XXVII, 2013, Natal. Anais...

MADURO, O. Religião e luta de classes. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAGALHÃES, Alexandre S. Os Jovens e o Pentecostalismo: considerações sobre a identidade da juventude da Igreja Assembleia de Deus a partir de um estudo de caso na Baixada Fluminense – RJ. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, pp. 253-274, 2018.

MANHEIM, K. Diagnóstico de nosso tempo. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1967.

MANNHEIM, K. O pensamento conservador. In Martins, J. S. (Org.) *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1981, pp. 77-131.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, Dec. 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Projetos de modernidade na América Latina. In: DOMINGUES, José M; MANEIRO, Maria (Orgs). *América Latina hoje – conceitos e interpretações*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006, pp. 21-51.

MONTES, M. L. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 63-171.

NATIVIDADE, M. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, pp. 90-121, 2010.

NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, pp. 351-368, 2018.

NOVAES, R. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, pp. 184-208, 2012.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da*

juventude brasileira – análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, pp. 263-290.

SILVA, E. M. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e educação para a cidadania. *Rever* (PUCSP), São Paulo, v. II, n. 04, pp. 1-14, 2004.

VELHO, G. e VIVEIROS DE CASTRO, E. B. O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. *Artefato: Jornal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, Jan.1978.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 2, pp. 205-224, Ago. 2010.

Editor responsável: Antonio Genivaldo C. de Oliveira

Recebido em: 30/06/2020

Aprovado em: 29/11/2021